BLUMENAU
em CADERNOS
Tomo I
Número 5
Março de 1958

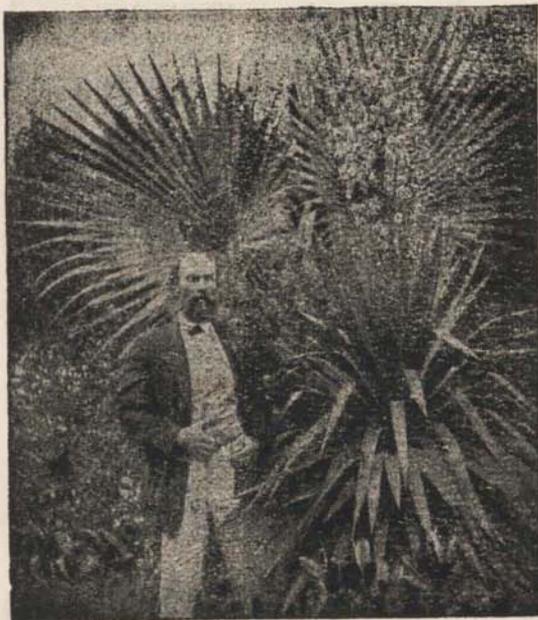
Tomo I	Número 5	Março de 1958

O Doutor Hermann Blumenau

Um colonizador alemão no Brasil

por Cristina BLUMENAU

Êste artigo foi escrito pela filha mais velha do Dr. Blumenau para o livro "Auswanderer", de Hermann von Freeden e Georg Smolka e traduzido pelo Sr. J. Ferreira da Silva, com anuência da autora.

O casal Blumenau teve quatro filhos: um morto em tenra idade e Pedro Hermann, Cristina e Gertrudes.

Vemos nesta foto o Dr. Blumenau em seu jardim

Pedro morreu durante a primeira guerra mundial. Cristina faleceu em 1940 e Gertrudes ainda vive em Hamburgo.

Estas últimas, convidadas oficialmente pela Prefeitura, vieram em 1937 visitar a cidade que seu pai fundara. Cristina, que morreu solteira, com 70 anos de idade, era um espírito inteligente, vivo, bastante culto, metódica e minuciosa em tudo.

Auxiliou seu pai a manter em ordem os papéis referentes à história da colônia e à vida particular do fundador. Depois da morte dêste, recolheu e guardou cuidadosamente tudo quanto se referisse aos seus planos e realizações. Foi a cronista da família.

Neste artigo, ela traça um perfil diferente do seu ilustre progenitor. Focaliza-o, principalmente na sua vida íntima, de família, de espôso e pai exemplar, dando-nos a conhecer um Dr. Blumenau diverso daquele de que nos dão idéia os escritores que, até aqui, trataram do civilizador do Vale do Itajaí.

Estamos certos de que os nossos leitores hão de louvar a iniciativa de "Blumenau em Cadernos" obtendo do tradutor autorização para esta publicação. Por muitos anos o tradutor guardou êste trabalho na esperança de publicá-lo em folheto separado. Obstado por dificuldades de ordem econômica não conseguiu êsse desiderato. Permitindo a sua inclusão neste número, presta o tradutor mais um grande serviço ao município a cuja história e engrandecimento continua dedicando o melhor de seus esforços.

"Desde 1842 que meu pai, o Dr. Hermann Blumenau, se interessava pelos problemas de colonização e, estudando e tratando do assunto, colheu muito material e experiências.

Por aquela época, com 22 anos, apenas, de idade, seguiu para Erfurt a fim de organizar e orientar a nova fábrica de produtos químicos de Hermann Trommsdorff.

Nos atestados que êste lhe forneceu são de modo particular, encarecidos os seus predicados morais, sua conduta irrepreensível, e a sua alta capacidade de direção.

Iguais louvores constam, igualmente, dos boletins recebidos após os seus estudos.

O farmacêutico Koch, de Erfurt, louva e atesta os seus conhecimentos de química, de farmácia, de matemática, de mineralogia etc.

Em casa de Trommsdorff, onde permaneceu dois anos, encontrou-se com Alexandre von Humbold de quem muito ouviu e aprendeu sôbre colonização.

Em 1844 foi a Londres e a Paris por negócios de uma patente industrial e obteve cartas de recomendação de Justus von Liebig ao Professor Graham.

Ali conheceu o cônsul geral do Brasil, J. J. Sturtz.

Como Sturtz conseguiu arraigar meu pai nos seus planos, diz bem um trecho da carta que o naturalista von Martius, de Muenchen, dirigiu a Sturtz.

Martius escreve, em data de 5 de janeiro de 1846:

"Há oito dias, estêve aqui o Snr. Blumenau. Vejo nêle um homem inteligente e ativo e me convenci de quanto o snr. pôde interessá-lo nos seus planos. Está entusiasmado e tudo fará pela colonização".

O professor von Martius e Alexandre von Humbold deram a Blumenau muitas cartas de recomendação que lhe foram bastante úteis no Rio.

Cousa diferente sucedeu com as que lhe dera Sturtz, pois, logo na primeira semana de estadia no Rio, fêz curiosas descobertas que vieram modificar o conceito em que tinha o cônsul geral.

Parece que um dos motivos principais que levaram meu pai a emigrar e a meter-se em planos de colonização foram as promessas de Sturtz que, entre outras cousas, lhe acenara com a segurança de uma cátedra em academia no Rio.

Naquela época, porém, havia ali, apenas a chamada Academia Militar, com tôdas as cadeiras ocupadas de modo que nem pensar se poderia em encontrar colocação.

Antes mesmo de seguir para o Rio de Janeiro, meu pai estava em correspondência com a "Companhia de proteção aos emigrantes alemães para o Brasil", de Hamburgo, e para o serviço da qual entraria.

Mas também em Berlim projetou-se a fundação de uma "Sociedade de Colonização", com que a de Hamburgo entraria em entendimentos.

Com muitos conhecimentos e esperanças, pôde meu pai pensar em sua viagem e, com 26 anos de idade, partiu de Hamburgo a 30 de março de 1846.

Não ia, porém, muito alegre porque seus pais contrariavam-lhe os planos.

A êsse respeito, papai escrevia à sua mãe, do Rio, em 3 de agôsto daquele ano:

"Não parti levianamente. E, ainda que, ao despedir-me, sentisse em pedaços o coração, e a saudade a torturar-me, não pude resistir ao chamado que ouvia interiormente. Tinha que ser assim. Meus propósitos são retos. Não deixei a minha querida Pátria pela ambição do dinheiro. Podes, assim, ficar tranqüila porque o Céu não me abandonará. Estou contente aqui e se Deus permitir que tal continue e eu prossiga com saúde, hei de ser um grande homem e tu, minha adorada mãesinha, haverás de te orgulhar de teu filho e do seu nome honrado. Alegra-te, pois, minha mãe e pensa com alegria e não com tristeza em teu filho".

Por essa época, meu pai apresentou ao govêrno brasileiro as suas propostas de colonização.

Foram tomadas como as melhores até então sugeridas e isto valeu a meu pai ser cordialmente recebido pelo ministro, que nelas depositou tôda a confiança.

Realizaram-se, também, muitas conversações e negociações entre meu pai e o cônsul hamburguês, Hermann Schroeder que representava, no Rio, os interêsses da Companhia Hamburguesa, nos papéis da qual meu pai vislumbrou os prenúncios do caso de Berlim a que Sturtz não era estranho.

Infelizmente, na Câmara, não foram aprovadas as propostas de colonização intensa.

Uma das primeiras preocupações de papai no Rio foi dedicar-se aos pobres colonos alemães destinados a Macaé, lugar impróprio e insalubre.

O cônsul geral da Prússia, Theremin, não quis ajudá-lo na tarefa. Êsse auxílio, conseguiu-o meu pai, com muito trabalho, do núncio papal Badini.

Isso custou-lhe muitos aborrecimentos e despesas mas sempre alcançou fazer com que 300 dêsses colonos seguissem para S. Catarina onde foram os fundadores da Colônia S. Isabel.

Mais tarde, na viagem que fêz àquela Colônia, em companhia do Barão von der Goltz, todos aquêles se mostraram infinitamente gratos a papai.

No Rio, entrou em contato com círculo bem largo de pessoas mais ou menos interessadas nos problemas de colonização. Lá mesmo travou conhecimento também com Fernando Hackradt com quem, em 1848, começou a colonizar as terras do Itajaí.

Papai conheceu essas terras sòmente em 1848 enquanto Hackradt já ali estivera anteriormente.

Do "Salto" em diante, fêz a viagem numa pequena canoa até o Rio Benedito e o Rio dos Cedros. Contra sua vontade não prosseguiu porque o canoeiro brasileiro que o acompanhava temia os bugres e a região desconhecida.

Papai, em carta a meus avós, chama-o de "medroso".

Mostra-se entusiasmado com a imponência e a majestade das matas, das árvores gigantescas, com as variedades de bambus e de flôres vermelhas, amarelas, azuis e roxas.

Escreveu a seus pais: "Estou sobretudo encantado com a majestática solidão, com o ar quente e agradável, com o azul puríssimo do Céu. Foram dois dias magníficos os que lá passei no silêncio, onde jamais gente civilizada pusera pé. Ainda hoje, depois de três meses, sinto-me arrebatado pela solidão das florestas, pela lembrança de nelas ter estado, estático, pisando lugares que são o que eram há milênios".

De regresso, encontrou-se novamente com Hackradt. Ficou resolvida a compra das terras.

Em Destêrro, enfrentou muitas dificuldades lutando contra as in-

Em 1937, a Prefeitura Municipal, tendo à frente Alberto Stein, de saudosa memória, dirigiu um convite às duas filhas do Dr. Blumenau, que viviam na Alemanha, para virem visitar a cidade que seu pai fundara. Foram aqui recebidas com grandes festas e demonstrações de simpatia. Vêmo-las, nesta fotografia, (Cristina, a mais velha, é a da esquerda) à frente de ilustres damas da sociedade do Vale do Itajaí. Vê-se nela, também, o Prefeito Alberto Stein, o industrial Curt Hering, Mateus Conceição, prefeito de Rio do Sul, Walter Baumgarten e outros. Gertrudes, que pelo casamento adotou o sobrenome de Sierich (a que está de bôlsa) vive ainda em Hamburgo já octogenária. Cristina era muito parecida com o pai, tanto no físico como na retidão e energia de seu caráter. Escreveu, além dêste, vários outros artigos sôbre o pai.

trigas e a má vontade com que a população olhava os estrangeiros.

Finalmente, conseguiu estabelecer-se à margem do Itajaí, na confluência do Ribeirão da Velha. Derrubou-se o mato. Confiou-se a dois americanos a construção de um engenho de serrar madeiras. Hackradt deveria dirigi-lo.

Em virtude do salário alto que exigiam os trabalhadores brancos, Hackradt trouxe, do Rio, cinco negros, e entre êstes uma preta que cozinhava, lavava, costurava e passava a ferro. Esta, trabalhou sempre com muita dedicação.

Papai contava-nos, mais tarde, com muita graça, ter visto a negra coçar o braço com a mesma faca com que cortava carne.

Contou-nos também como um armário, que olhávamos com muito interêsse, salvou-lhe a vida e a dos moradores da casa num assalto que os bugres efetuaram na "Velha". Enquanto todos tiveram ainda tempo de refugiar-se no sótão, os bugres entraram em casa, rebuscando canto por canto. Ao abrirem, o armário, as dobradiças rangeram de modo horrível. Temendo, talvez, que isso fôsse o aviso de algum espírito, os bugres fugiram.

Para regularizar todos os seus negócios, papai seguiu para o Rio.

E para melhor e mais eficientemente trabalhar pelo seu estabelecimento no Itajaí, realizou a sua planejada viagem à Europa. Deu-se isso a 8 de dezembro de 1848.

Aqui, na Alemanha, desenvol-

veu intensa atividade em prol da colonização em geral e, particularmente, de sua fundação no Itajaí; publicou folhetos etc., e, já em começos de 1849 entrou em entendimento com funcionários do Govêrno em Berlim, aos quais expôs seus planos. A 16 de fevereiro de 1850 mandou à sua mãe uma fotografia, que não achou boa, mas que é a única dos seus tempos de moço.

Em fins de março de 1850 regressou ao Brasil muito mais esperançoso do que, meses antes, acreditara possível, isso porque seu sobrinho ficara certo de, em junho seguinte, acompanhar cêrca de vinte pessoas que desejavam estabelecer-se em sua Colônia.

Outras, certamente, seguiriam êsse exemplo, uma vez que os dados sôbre as coisas do Brasil estavam sendo impressos para publicação.

Depois de 84 dias de viagem, aportava ao Rio onde o esperavam muitas cartas, algumas delas da Europa e que haviam chegado antes dêle.

As primeiras traziam-lhe a notícia da morte de seu pai, ocorrida a 3 de abril. Tristes notícias mandava-lhe também Hackradt. Papai deveria, quanto antes, seguir para Itajaí e levar dinheiro, pois, do contrário, tudo estaria perdido. Além disso, Hackradt desejava, a todo custo, abandonar a emprêsa.

Papai encontrou as cousas em Itajaí em pior estado do que imaginara: suas esperanças destroçadas; o que fôra construído, em ruínas; nada preparado para a recepção dos esperados imigrantes; os negros, com exceção de um, manco, e da velha negra, fugidos.

Em 1854, escrevia a um amigo: "Vi os meus planos de colonização, pelos quais tanto sofri, lutei e despendi, completamente por terra. A lembrança dêsses tempos causa-me arrepios e só a recordação de minha querida mãe impediu que eu pusesse têrmo à vida tão atribulada. O desgôsto, a dor e a miséria puseram-me doente. Tive, porém, que reagir, pois não tinha tempo para adoecer.

Alguns bons amigos do Rio, aos quais mandou contar as suas desgraças, chamaram-no com urgência à Côrte.

Papai foi auxiliado.

O Imperador D. Pedro II e os outros homens de representação o receberam cordialmente e tomaram a peito a execução de seus planos de colonização.

E como o conhecessem como homem honrado, conseguiram-lhe um adiantamento de dez contos de réis para que pudesse prosseguir na sua tarefa colonizadora.

Os preliminares da transação foram concluídos com presteza mas, por intrigas e chicanas, passaram-se meses antes que pudesse receber o dinheiro e regressar ao Itajaí.

Aborrecido com tantas contrariedades, teve ainda novos desgostos. O gado, recentemente adquirido, morrera; apetrechos para um engenho de açúcar, colmeias, plantas frutíferas e vários outros objetos foram aprisionados por um navio pirata inglês e transportados para S. Helena. Não lhe pagaram nenhuma indenização.

Um amigo auxiliou-o novamente com dinheiro até que tivesse regularizado os negócios de sua herança, pois, nesse meio tempo, falecera também sua mãe.

Com a chegada de novos imigrantes criou novo alento. Êstes, porém, lhe trouxeram novos trabalhos. Faltava-lhe o necessário na carência premente dos recursos pecuniários. Tinha, apenas, o indispensável para viver.

Trabalhou sòzinho. Era, ao mesmo tempo, agrimensor e desenhista, construtor de caminhos e comerciante, tudo quanto fôsse preciso ser. Nenhum trabalho o intimidava e vivia, com os seus homens, na mesma simplicidade em que êstes viviam.

O Dr. Lallement, médico no Rio de Janeiro, escreveu certa vez a papai e referindo-se a um diretor de colônia que deixava sua gente passar fome, dizia: "O senhor, porém, passa fome para que os seus colonos a não sofram".

Seguidamente papai sentia-se indisposto e queixava-se de seus olhos. A sua vida era um martírio.

Por essa ocasião, escreveu a um amigo: "Colonizar é uma tarefa ingrata e amarga, e se o senhor quiser, algum dia, penitenciar-se d'algum grande pecado, colonize".

Em começos de 1854 já existia a planta da futura cidade, fronteira à "Ponta Aguda". Para aí papai também quis transferir sua residência. Êsse local foi escolhido depois de profundos conhecimentos do terreno. Nêle o Itajaí fêz uma grande curva de nordeste para noroeste, sendo, até êsse ponto, o rio navegável. Meu pai levou essa circunstância em consideração, visto como, dali para cima o rio era às vêzes, bastante raso, cheio de pedras e corredeiras, de sorte que era impossível a navegação com canoas e barcos grandes.

Na "Ponta Aguda" deveria ser instalado, para uso da colônia e de seus moradores, um pomar e campo de culturas nos quais, além do necessário e do útil se cuidasse também da beleza com o cultivo de plantas ornamentais, etc. as únicas distrações que, além dos livros, lhe custavam dinheiro.

Sôbre o assunto, escreveu em 1854: "Não jogo, não bebo, nem pensar devo em mulheres por causa da impressão moral e da desordem que pode arruinar e entravar o desenvolvimento de uma colônia nova como a minha.

Emprego tudo na minha colônia, que necessita ainda de muito amparo; vivo mais do que simplesmente, até em miséria, para não dar à minha gente motivos de comparação odiosa e diferenças de classe e para mostrar aos colonos que também se pode viver com pouco. Basta querer. Assim, as flôres e as plantas são quase as minhas únicas amigas. Alguma cousa deve o homem ter para se distrair".

Desde o comêço de seu empreendimento, meu pai tentou aclimatar na colônia plantas de tôda a sorte. No decorrer dos anos mandou buscar sementes e mudas de todos os países. Não poupava nem dinheiro nem esforços quando se tratava do bem da sua colônia.

Mandou buscar parreiras, as qualidades melhores e as mais caras, da Algéria, de Bordeaux, da Bélgica, de Lisboa, da Grécia e da América do Norte porque as parreiras alemãs não se adaptaram bem.

De árvores frutíferas, vieram o que de melhor havia em sementes e mudas.

Não teria tido, certamente, os sucessos que teve se não dedicasse tanto cuidado às suas plantações. Papai era um excelente botânico.

Ainda existem relações inteiras, de rosas, videiras e outras plantas, com anotações exatas dos lugares onde foram plantadas.

Nestes primeiros e árduos anos, por mais de uma vez planejou desfazer-se da sua colônia e mudar-se para Angola, na África Portuguêsa (Mossamedes), isso porque havia perdido, a bem dizer, tudo quanto possuía, quase sem resultados.

Sòmente o seu amigo, o Marquês de Abrantes, conseguiu fazê-lo abandonar essas idéias.

Em 1855, papai fechou um contrato com o govêrno, recebendo o auxílio há tanto tempo pleiteado.

Recebeu cartas de altas personagens alemãs que lhe robusteceram o ânimo, encorajando-o. Não teve, porém, sossêgo porque faziam-se necessárias constantes e demoradas viagens ao Rio e a Destêrro.

Graves preocupações trouxe-lhe, em 1859, a proibição da emigração da Alemanha. Tentou, sem sucesso, e por várias vêzes, a abolição, ou, pelo menos, uma modificação do Decreto.

Quando de regresso ao Brasil, em 1854, ainda tratou dêsse assunto, conferenciando com os governos da Prússia, Baviera, Wurtemberg, Baden e Darmstadt e foi também êsse o motivo que, em princípios de 1885 o levou a Berlim. Não houve recurso de que não lançasse mão.

Em 1859 realizaram-se, no Rio, os entendimentos entre papai e o govêrno brasileiro para a cessão, a êste, da colônia.

Pessoalmente, foi tratado com tôda a cordialidade e consideração. Foi proposto, até, para receber uma comenda. Abrantes caçoava com

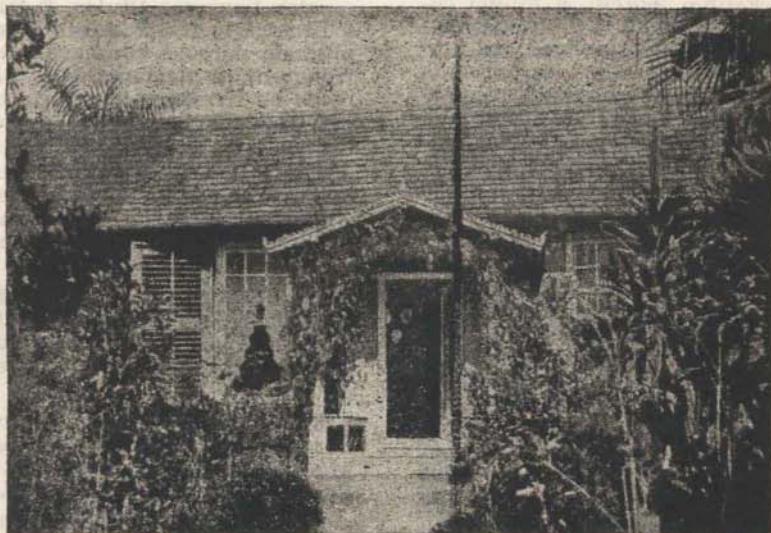
papai por causa disso e, naturalmente, para experimentá-lo. Papai, porém, que tinha certa intimidade com o Ministro desabafou afirmando-lhe que 10 ou 15 contos prestariam melhor serviço à sua obra filantrópica e utilíssima do que a "fitinha" proposta.

Enquanto outras colônias recebiam auxílios para estradas, igrejas etc., papai devia construí-las tôdas de seu próprio bôlso.

E para construir um templo digno dêsse nome, faltava-lhe dinheiro, de sorte que o Serviço divino, na colônia, era celebrado num rancho, mobiliado com bancos toscos. Isso até 1877 quando se terminou a nova e bela igreja.

Como só em 1857 tivesse chegado o primeiro pastor, de 1855 a 1857 papai até celebrava casamentos que eram considerados válidos.

Depois de sete meses de negociações e espera, celebrou-se em 1860 o contrato com o govêrno.

"Sòmente o "Salto" e a "Velha" ficarão me pertencendo. Nada mais. Terei, assim, de comprar novamente o terreno em que está

Escondida entre latadas de roseiras e de bougainvilleas, à sombra de palmeiras exóticas, trazidas de várias partes do mundo, ressumando felicidade, a doce felicidade de um lar acalentado pelo amor, a casa em que o Dr. Blumenau residiu entre 1869 e 1880 era uma das mais modestas da colônia. A enchente de 1880 submergiu-a, danificando grandemente além dos móveis, os livros e papéis do fundador.

construída a minha própria casa", escrevia êle ao seu secretário.

Acabaram-se as preocupações de dinheiro. Mas, surgiram intrigas e malévolas suspeitas contra papai.

Em 1865 pediu licença ao govêrno e seguiu para a Alemanha em busca de melhoras para sua saúde, de novas energias e novo ânimo.

Nessa época, grandemente abatido, papai explicou ao Ministro: "Todos os meus amigos me abandonaram". O Ministro respondeu-lhe: "Mas que há nisso, senhor doutor, se o senhor tem ainda no Imperador o seu melhor amigo?".

Sim, o Imperador, que o obrigava seguidamente a fazer-lhe demoradas exposições, teve sempre meu pai na maior consideração.

Foi com satisfação que vimos, mais tarde no Rio, êsse grande Imperador.

Papai seguiu diretamente para a Alemanha, pois teve que desincumbir-se de certa comissão na Espanha ou na França. Em Madrid visitou os tesouros artísticos.

Por tôdas essas situações, papai quis abandonar tudo, conforme escreveu a um amigo em 1866: "... para não ficar completamente nu, pois até os colonos não souberam reconhecer e retribuiram com maldades a minha boa vontade, os sacrifícios que fiz pelo meu empreendimento. Quando nada mais lhes pude dar, porque nada mais eu tinha e resolvi cobrar-me do que me deviam, pagaram-me com ingratidões. Estimo, porém, a minha colônia e quero dotá-la de tudo quanto fôr bom e belo porque ela, embora um pouco rebelde, é minha filha e custou-me as melhores alegrias e os melhores anos da minha vida. Quando comparo os resultados obtidos com a enorme soma que gastei, com tudo quanto nela, em 15 anos reuni com carinho, sintome desolado e triste.

Ou, talvez, eu fizesse demais e o govêrno também, de sorte que muitos ficaram preguiçosos e atrevidos. Tivesse eu tido no Brasil e na Alemanha mais apoio, tudo teria corrido melhor, porque eu trabalhei com entusiasmo e persistência, como a um homem era possível e teria até dado a minha vida para preparar um caminho mais suave aos alemães na América do Sul. Todo passo que dei, porém, nesse sentido, custou-me sacrifícios bem pesados".

Foram, assim, gigantescas as somas de contrariedades.

Nesse entretempo meu pai casou-se aqui — 1867 — e quis regressar; tinha saudades do seu lindo Itajaí, esperando retornar, em 1868, à "sua verdadeira pátria" o que, entretanto, só conseguiu realizar em 1869.

Em 1856 papai naturalizou-se brasileiro.

Os seus velhos amigos no Brasil, que contavam com influência no govêrno, queriam que êle ficasse, pois, não havia a quem se pudesse entregar as cousas na colônia, na certeza de serem governados com ordem e honestidade.

Durante o tempo de sua permanência na Alemanha, papai recebeu uma distinção que muito o alegrou.

Foi conferido à sua colônia, em 1867, um dos dez grandes prêmios na Exposição Mundial de Paris. Um verdadeiro raio de luz.

Isso importou em muito reconhecimento por parte dos brasileiros, mas trouxe-lhe, também, muita inveja e inimizade "enquanto que na Alemanha levantou verdadeira onda de despeitados, que pretenderam anular não tanto já os meus esforços como os de um elemento germânico que no Brasil soube conquistar honrosos títulos. É triste e é necessário ter-se muita fôrça de vontade para se conservar, no estrangeiro, a nacionalidade alemã, como eu firmemente o faço, quando, na velha pátria, se é tratado de maneira tão incorreta".

Muito teve papai que sofrer por causa dos despeitados, mas, em compensação, foi grande o número de amigos influentes que soube conquistar no Brasil.

Com o Ministro Cansação de Sinimbu e com o Marquês de Abrantes já travara conhecimento nos primeiros tempos de sua chegada ao Brasil.

Em cartas posteriores êle fala nos seus velhos amigos, os barões Muniz de Aragão e Bom Retiro, Barão do Rio Branco e Pais Leme.

Muitas vêzes ouvi, e dêles ainda me lembro perfeitamente, e de modo especial dos nomes do Dr. Alfredo d' Escaragnole Taunay, Barão de Capanema — do qual ainda tenho cartas escritas em alemão, e do Conselheiro Inácio da Cunha Galvão, agente oficial de Colonização, e superior direto de papai até fins de 1875 "um excelente funcionário e patriota", conforme o denominou e que, mùtuamente, se tratavam com muita consideração.

Foi com pesar que papai não pôde oferecer à nossa mãe um lar melhor do que a pequena casa, construída em 1855, no início da cidade.

Êle quis construir uma nova casa mas não pôde porque perdera todo o seu capital com um ad-

ministrador desleal residente no Rio. "Terei agora que esperar muitos anos e economizar", disse êle. Nunca, porém, conseguiu realizar êsse plano.

Era uma casinha com dois quartos, afastada da rua e em meio a um jardim. Um outro quatro foi acrescido mais tarde para nós, crianças.

Dava, porém, ótima impressão com o seu telhado de tabuinhas, com as janelas pintadas de verde e a varanda coberta de trepadeiras (Hoycarnosa, Clerodendron e outras).

Separada por um largo corredor aberto dos lados, ficava a parte posterior da casa, com uma linda sala de jantar e cozinha, depois dos quais ainda vinham quartos e a escada para o sótão.

Eu creio que era a casa mais simples de Blumenau, mesmo no mobiliário, mas nós nela nos sentíamos felizes e mamãe sabia torná-la ainda mais cômoda e amável tocando harmônio, de que papai também gostava muito, e cantando-nos lindas canções.

Lembro-me ainda de nossos pais, à noite, na sala de estar: papai descançando numa **chaise longue** forrada de couro; mamãe sentada ao seu lado numa poltrona, as mais das vêzes trabalhando à luz do lampião. Quadro de comovente felicidade!

Ainda me sinto feliz com a simples recordação da infância despreocupada que ali passamos, acalentada pelo amor paternal.

Meu irmão, com apenas 10 anos, já veio para cá, para educar-se. Mas eu e minha irmã crescemos em liberdade, tanto quanto naturalmente nos era permitido.

Tínhamos as nossas pequenas obrigações que desempenhávamos com alegria.

Desde os meus quatro anos de idade, ficaram-me na memória alguns acontecimentos daquela época.

Meu pai era muito rigoroso no que tocava à obediência e ao cumprimento dos deveres.

Lembro-me de um acontecimento ocorrido quando tínhamos 7 e 9 anos.

Numa fôlha de palmeira amontoavam-se muitas lagartas que deveríamos catar. Eram grossas e do comprimento de um dedo. Primeiramente foi com nojo que fizemos êsse trabalho, mas, depois, nos acostumamos e o serviço saíu a contento de papai.

Como, naquele tempo, Blumenau era uma simples povoação, de poucas casas, acontecia que ao brincarmos nos pastos, aparecesse repentinamente algum mono. Nunca tínhamos visto algum dêles, mas ouvíamos os seus guinchos no mato. Surpreendidos pela forma como nós também o éramos, fugiam lépidos nos seus grotescos saltos, floresta a dentro.

De tempos em tempos passavam também pela estrada grandes tropas de gado.

Admirávamos, do jardim, como os tropeiros, nos seus trajes pitorescos, atiravam os laços em derredor das tropas.

Tais espetáculos não se vêem mais hoje porque Blumenau aumentou muito.

O jardim era lindo, com uma infinidade de cousas lindas e raras a que papai dedicava grande amor e paciência. Era nêle que se distraía das preocupações e responsabilidades do seu cargo. Ativo e minucioso como era em tudo, esquecia-se do tempo, de sorte que nós, quase sempre, tínhamos que ir buscá-lo, para o almôço, no escritório da direção.

Aos domingos, pela manhã, o seu maior prazer consistia em colhêr flôres no jardim, as quais mamãe colocava nos vasos. Êle sabia colhê-las apropriadas para enfeite da casa.

Como flôres prediletas de papai havia rosas por tôda a parte. Até pelas paredes da casa trepava a "Gloire de Dijon" e outra rosa de buquê com cheiro de violeta. Agradava-lhe, especialmente, o perfume suave das rosas escuras. Por uma das paredes da casa subia também a "rainha da noite". Muitas vêzes papai apanhava um botão dela, à noitinha, para que observás-

semos o seu admirável desabrochar e gozávamos com o seu perfume.

Algumas árvores nativas haviam sido deixadas no jardim e pelas quais trepavam as "bougainvilleas" formando maravilhósa latada. Brilhantes colibris visitavam as flôres das cactáceas, chupando-lhes o mel com seus bicos finíssimos. O jardim era todo flôres e perfumes!

Crescemos entre tôdas essas belezas para as quais sempre nos chamavam a atenção. Brincando, aprendemos muita cousa.

A tudo quanto lhe perguntávamos, papai respondia com profundo conhecimento dos mais variados assuntos.

Também ao pomar, que ficava por traz da casa, papai dedicava muito cuidado e era um prazer trepar às árvores para colhêr laranjas, tangerinas, pêssegos etc.

Grande amizade unia papai ao sábio suíço Jacob von Tschudi. Há muitas cartas trocadas entre os dois. E como êle, de 1859 a 1861, foi encarregado dos negócios da Suíça no Rio, visitou, por êsse tempo, papai em Blumenau. Êle reputou o jardim de papai de jardim botânico, como tal era também declarado no léxico.

A enchente de 23 de setembro de 1880 destruíu-o completamente.

O nosso terreno era baixo, de sorte que ali as águas se juntaram por mais tempo e por muito mais tempo permaneceu a vaza que, amontoada com uma espessura de um pé, matou quase tôdas as plantas. As que não morreram logo, foram apodrecendo.

Foram tempos horríveis para papai e não menos para minha mãe que, muitos meses depois sentia ainda as conseqüências dos sustos e dos trabalhos por que passara.

Nós, irmãs, felizmente, não compreendíamos tôda a extensão do perigo.

Era, antes, para nós, uma agradável surprêsa sairmos de canoa pela janela para chegarmos ao vapor "Progresso", que navegava pelas ruas da vila e que, por ordem de papai, nos devia levar para o escritório da Direção. Só nos preocupava que o vapor não abalroasse alguma das palmeiras plantadas por papai na alamêda.

Papai, antes já fôra transportado, doente, para a casa de amigos. Não sei de que modo, porém, apareceu na Casa da Direção e, sòzinho, tratou de transportar para os altos do prédio os documentos mais importantes. Mamãe depois foi ajudá-lo e eu me recordo ainda de tê-los visto com água até os joelhos enquanto nós e a empregada, postadas na escada, os auxiliávamos nessa tarefa. Existe ainda muita cousa em que a água deixou traços bem visíveis.

Por felicidade a água não subiu além das soleiras das janelas. Mas a nossa casinha estava mergulhada até o telhado, de que apenas se avistava a cumieira. Ficou, por muito tempo, imprestável para ser habitada, de sorte que nos últimos dois anos, até o nosso regresso à Alemanha, em 14 de agôsto de 1882, morávamos na Casa da Direção.

Dois anos mais tarde, a 15 de agôsto de 1884, papai deixou definitivamente Blumenau, e, a 20 de setembro, partindo do Rio, o seu querido Brasil.

Nos anos seguintes a 1869, êle teve que fazer muitas viagens ao Rio e a Destêrro, ficando, às vêzes, conforme mamãe nos contou, meses inteiros fora de casa. Também nos últimos anos as cousas eram, mais ou menos assim. Êle sempre tinha muito que fazer. Os anos que precederam à emancipação da colônia foram-lhe bem pesados.

No Brasil já papai estivera em ligação com Carlos von Koseritz, de Pôrto Alegre, com o qual e com H. A. Gruber, muito trabalhou em prol da emigração para o Brasil e, mais tarde, aqui na Alemanha, também fêz o que pôde nesse propósito.

Nunca deixou de trabalhar por Blumenau, pelo seu engrandecimento. Mesmo nos últimos anos de sua vida mandou, para lá, sementes e plantas, e livros para a "Culturverein", os derradeiros dos quais chegaram ao destino depois de sua morte, a 30 de outubro de 1899.

Pude reavivar as minhas recor-

dações em 1909 quando revi a minha querida pátria e o meu torrão natal.

Compreendi, então, melhor o entusiasmo de meu pai por aquela natureza que também me deixou maravilhada, pelas flôres que tanto amei.

Causou-me grande alegria a informação que muitos me deram da existência, em vários jardins, de plantas que provinham das que papai plantava. Como papai tratava com cuidado e carinho as plantas, serve de exemplo o fato que me foi narrado por uma conhecida, que dêle ganhara uma roseira de qualidade: quando apareceu o primeiro botão, êste teve de ser protegido delicadamente e, em tempo de chuva ou sol forte, sôbre êle era aberto um guarda-chuva.

Foi um verdadeiro milagre como meu pai suportou, em tôda a sua vida, tantas penas apesar da sua fraqueza física e das suas doenças.

Papai era de meia altura e muito magro. Usava óculos porque tinha as vistas fracas. Mas dolorosa para êle, porém, era a surdez de que vinha sofrendo desde que, aos 12 anos de idade, caíra gravemente doente. Êsse mal foi se agravando com a velhice.

Tôdas as curas e estações de águas não deram resultado e êle dizia sempre que os médicos tanto lhe haviam mexido nas orelhas que mais do que bem lhe haviam piorado o mal.

Fôra um rapaz vivo, esperto, com acentuada veia humorística e sabia ser alegre, de sorte que era muito estimado no círculo de seus amigos.

Adorava o Belo e amava a música e possuía muito talento para a pintura, como comprova um retrato de sua mãe feito por êle aos 17 anos.

Tinha uns admiráveis olhos azuis escuros que nunca pude esquecer.

Acostumado, desde os mais tenros anos, a uma vida simples, assim sempre viveu.

Qual a origem do nome "Garcia", dado ao ribeirão que atravessa Blumenau?

É interessante reproduzir aqui, o que, a respeito, publicou o "Calendário Blumenauense", de 1934:

"Não é, como muita gente supõe, porque ali existisse, anos antes da fundação de Blumenau, um morador de sobrenome Garcia. Que nos conste, jamais ali existiu algum Garcia que pudesse ter legado o seu nome ao ribeirão e ao bairro posteriormente surgido.

A razão dêsse nome é a seguinte: Antigamente, o rio Camboriu, que banha a sede do município que tem essa denominação, era conhecido por "Rio do Garcia". Por volta de 1846, e mesmo antes, vários moradores das margens daquele rio, requereram terras e vieram habitar as imediações do ribeirão, cruzado atualmente pela nossa Rua 15 de Novembro.

Êsses moradores eram conhecidos por "gente do Garcia", que tinham vindo do Garcia.

Assim perpetuou-se o nome dado hoje ao próspero subúrbio, centro de tão grande atividade industrial e agrícola".

A FOME DE OURO E PRATA

Almirante LUCAS A. BOITEUX

II

O Monte Tayó

I — O conhecimento dessa famosa montanha, ao que parece, data da época da cata de prata e ouro, primórdios do século XVII, pois, por 1689, quando, ao tomar cruel desfôrço, os piratas assassinaram o Capitão Francisco Dias Velho, colonizador da ilha de Santa Catarina, um dos filhos dêste destemido bandeirante, de nome Salvador (?) — segundo Almeida Coelho — "se achava na terra firme tirando ouro no morro do **Tayó**, donde logo veio".

Quando da abertura da estrada de ligação entre Araranguá e Curitiba, pelo interior (1728), o Sargento-mor Souza Faria, encarregado dessa emprêsa, ao alcançar a altura da ilha de Santa Catarina, encaminhou-se para o norte à procura do morro **Tayó**; mas debalde. Passava esse cêrro — escreve o mestre Taunay — por abundantissimo em prata. Em sua informação, disse Faria: — "Bons desejos tive de os socorrer, mas a fome e a miséria em que nos aviamos todos, nos obrigou, não só deixar o morro, mas ainda a mesma Serra do mar". Explicava êle que de um rio chamado Santa Luzia, seguiu viagem para os campos e passando nêles algumas restingas de matos deu em outro campo mais alto e alísio, de onde avistou "um morro, que pelo roteiro que levava dos sertanistas antigos julgou ser o rico e sempre procurado morro do **Tayó** e ao mesmo pareceu ao seu Piloto".

Da Serra Negra (Ibituruna, Buturuna, Vuturuna), descreve Faria, "corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito morro **Tayó**, o qual morro é baixo, redondo e agudo com sua campina ao pé e tem este feitio. Tem tambem sua campina da banda do norte e da banda do sul, mato carrasquenho; pelo pé deste morro podem buscar ouro; e quando se queira alongar para as matas do mar, não seja pela parte do sul, seja pela parte do norte, que dali emanam as cabeceiras todas do **Tajay-merim**, que não poderão deixar de acharem ouro".

II — Em o Mapa castelhano de J. C. Cano y Olmedilla, 1775, já figura o monte **Tayó**. O governador de Santa Catarina, coronel Gama Freitas, oficiava a 2 de maio de 1776 ao Vice-rei, marquês do Lavradio a respeito da jurisdição de sua Capitania sôbre a parte do território de Lajes. Mostrava que "o principal motivo da entrada naquele sertão foi a descoberta do Morro **Tayó**, que passa por tradição ser abundante de ouro; não me consta por ora haja mais nada, que terem-no conhecido, mas é provavel que nele façam alguns exames minerais".

A 2 de agôsto de 1779, a Câmara municipal de Lajes comunicava ao Governador e Capitão-general de S. Paulo (a quem estava subordinada), M. L. Lopes de Saldanha, que Antônio Marques Arzão a ela se apresentara denunciando que a prata por êle achada no **Tayó** tinha sido por êle entregue ao Capitão-mor-regente Antônio Correia Pinto; que êste a tinha feito fundir em 1776 por Antônio José Muniz cujo certificado apresenta; e que o Capitão-mor tinha sonegado êsse descobrimento cuja glória o quis dest' arte privar; pelo que êle viera fazer esta denúncia à Câmara, que consultava ao Capitão-general enviando-lhe a petição de Arzão o qual declara nela que "as ditas minas estão nas vertentes da marinha e por isso as denunciara na Capitania do Rio de Janeiro".

Correia Pinto, o fundador de Lajes, apesar de ter sofrido "hua

enfermidade de estupor", estando em S. Paulo, escreveu a 21 de março de 1783, da vila de Aracariguna, a certo João Batista Victoriano (outros dizem Floriano) pedindo-lhe informações sôbre as minas do monte **Tayó.**

Em 1787, o Alferes Antônio José da Costa, em relatório que apresentou ao governador catarinense a respeito da picada que abrira para Lajes, diz: — "... pelo que respeita ao descobrimento de ouro no referido paiz, fui informado de que muitas pessoas da Capitania de S. Paulo e Minas Gerais o teem intentado, mas, ignoro o fruto de suas deligencias até agora, por onde venho a concluir que o tempo é que pode verificar se é ou não certa a opinião vulgar de que ha ouro naqueles sertões, e se existe realmente o denominado **Tayó**, com as riquezas que o mesmo vulgo lhe acumula ..."

O referido A. Marques Arzão ao Alferes se associou, no ano seguinte, na emprêsa da abertura da estrada para Lajes, fazendo, no ano seguinte a declaração abaixo: —

"Termo de declaração que faz o Capitão Antonio Marques Arzão do descobrimento de prata que fez no sertão da terra firme da Ilha de Santa Catarina: — Aos 3 dias do mez de Junho de 1789, nesta Provedoria da Real Fazenda da Ilha de Santa Catarina, apareceu presente o Capitão Antonio Marques Arzão a quem eu abaixo nomeado lhe li e intimei a Portaria do Snr. Governador José Pereira Pinto remetida a esta Provedoria, que se acha no Arquivo dela, cujo o seu teor é o seguinte: — "O Provedor da Fazenda Real fará declarar por termo ao Capitão Antonio Marques Arzão o descobrimento da prata, que fez nos sertões da terra firme desta ilha que deu a manifesto ao Governador que esteve nesta ilha, o coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral, o logar e tempo em que o fez, a quantidade de amostra que tirou e todas as mais circunstancias a esse respeito; de cujo termo se apresentará certidão dele. Desterro, 30 de Maio de 1789. Com a Rubrica — por virtude do que foi dito e declarado pelo dito Capitão, que em o ano de 1775 entrara para os sertões da terra firme desta Ilha com cinco pessoas a descobrir ouro, por noticia que havia dos antigos, de que eram sertões ricos, em cujo descobrimento andara nove mezes, e descendo da vila das Lajes para baixo a rumo de leste, no espaço de quinze leguas, depois de descer a serra obra de uma legua encontrara muitas pedras em as quais se achava pelas experiencias, que em diferentes partes fizera, prata cravada nas mesmas pedras, té que encontrando uma pedra solta redonda do feitio de uma bola de jogar, muito pezada, fazendo-a queimar, ajuntara pelo meio dela duas veias da grossura de um dedo, a qual deixara no mesmo logar, e desenganado de que era prata, e que neste lugar, que ocupara duas leguas mais ou menos, encontrara pelas experiencias que fez a mesma prata, já em pedras, já em granito, de que para o fim ajuntando uma pequena porção trazendo-a para fora, a fizera fundir por um ourives e fazendo uma pequena barra por onde se conhecia a finura dela a dera ao manifesto nesta ilha ao Snr. Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral, que de tudo fizera ciente ao Ilm.º Snr. Marquez do Lavradio, Vice-rei então do Estado, ficando ele nesta Ilha sustido té decisão do mesmo senhor oito mezes; e não vindo no decurso do dito tempo, se retirou para a vila de Lajes, onde é morador; e por não ter mais circunstancias que declarar sobre o dito descobrimento fiz este termo em que o dito Capitão assinou comigo Manuel José Ramos, Escrivão da Fazenda Real, que o fiz. — **Manuel José Ramos — Antonio Marques Arzão".**

III — Tendo-se oferecido o Sargento-mor João da Silva Machado (1782-1875), futuro barão de Antonina "para ir á sua custa, e de outras pessoas zelosas do real serviço á montanha **Itayó** fazer nela as convenientes explorações a fim de verificar se é ou não certa a tradição de haver na mesma montanha ricas minas de ouro, requerendo para essa importante deligencia a faculdade de poder alistar trinta homens para o acompanharem, e o socorro de algumas armas, polvora e alguns outros auxilios que precizava", el-rei (D. João VI), por aviso de 2 de Outu-

bro de 1820, houve por bem permitir-lhe, mandando ao Governador de S. Paulo (Oyenhausen) conceder-lhe o que pedia para a dita emprêsa, "de cujo resultado deverá vir dar conta a esta Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, e igualmente dos progressos que fizer neste descobrimento, e dos terrenos que houver ou já descobertos, ou desconhecidos para um e outro lado da sobredita montanha, parecendo muito conveniente, como já comuniquei a V. Sa., no aviso n.o 71, de 30 de Setembro proximo passado que se faça essas explorações ao mesmo tempo que se trabalha na estrada da Mata para se poderem socorrer mais facilmente" — explicava o Ministro Villanova Portugal.

IV — Ao que parece, o catarinense Miguel Gonçalves dos Santos, Administrador da Armação de baleias de S. Domingos, no Rio de Janeiro, sabedor dessa tentativa, em longa carta ao referido Ministro, datada de 20 de outubro de 1820, depois de descrever-lhe a abertura de uma comunicação terrestre entre Destêrro e Lajes, em 1788, no govêrno de Pereira Pinto, passou a mostrar-lhe o merecimento dos terrenos atravessados por ela e as vantagens que dêles se poderiam auferir. Dizia-lhe que "o rio **Tajahy** era digno de uma freguezia... e isto se conseguiria com facilidade, se o governador daquela Ilha tivesse espirito creador". Afirmava ainda que o seu conhecido, o Capitão Antônio Marques Arzão, "por amizade", lhe confiara que "naqueles Sertões havia um Monte, que de certo seria o Grande **Tayó**, que diziam terem os jezuitas sacado bastante prata pela parte das Missões"; " que o dito Arzão, fazendo fogo de noite para a sua comida cozida, e servindo-se de tres pedras para formar uma trempe á sua marmita, tendo chovido naquela noite, vira que de manhã as pedras estavam brancas pelas faces de dentro, e que levando as que pode ao seu Capitão-mor, este remetera com elas á vila da Laguna, donde foram logo enviadas ao governador de Santa Catarina, que então era o Brigadeiro Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Homem, o qual mandando fundir uma das ditas pedras pelo Juiz de Oficio da prata, Luiz Correia, este viera dizer que era prata finissima, pelo que lhe mandou o governador dar quartel, e 400 rs. para prato enquanto não voltasse de Sua Majestade, a quem dava parte pelo Vice-rei do Estado, que então era o Exm.º Snr. Luiz de Vasconcelos e Souza, e que tendo a solução demora, e aquele a sua familia de cuidar, se retirara com licença do mesmo governador com a obrigação de voltar sempre que fôsse chamado; o que ainda não tinha acontecido".

E Gonçalves dos Santos assim encerrava sua missiva: — "O Suplicante, que ouve falar do zelo de V. Ex.ª sobre coisas que interessam o Estado e a Nação, tambem julga ser tempo de manifestar a um Ministro sabio um segredo, que conserva a 29 anos, e oferecer-se juntamente, como puder para qualquer serviço de S. Majestade dirigido por V. Exa..."

Como sabemos D. João VI além de sórdido e lambão (e que levantar estátua a essa figura estercorária!...) era de uma ganância nunca vista. O erário real andava, como sempre, desfalcado. O ministro dêsse departamento, Villanova Portugal, em face das notícias acima, apressou-se, por aviso de 11 de dezembro do ano referido, em enviar ao governador de S. Paulo uma cópia do relatório de Gonçalves dos Santos, determinando-lhe que fizesse proceder às necessárias investigações e informasse com o seu parecer sôbre a existência do dito monte (Tayó), etc. O governador Oyenhausen, em ofício de 1.º de novembro, havia abordado vários comentários em tôrno da pretensão do Sargento-mor Silva Machado e dos abusos que poderia praticar na diligência de que se achava encarregado, no descobrimento do monte **Tayó**, tendo à sua disposição trinta homens armados...

O referido ministro, em 18 de dezembro, retrucava que "el rei tomando em consideração as grandes utilidades (do Sargento-mor), que podem resultar do bom exito da comissão de que o encarregava e as poucas pessoas aptas para semelhantes deligencias, absolutamente dependentes do conhecimento do

local, e do habito de entranhar-se por terras incultas e de sertão não se dignou removel-o da mesma comissão, e ordena que ele continue como se acha determinado; procurando V. Sa. por convenientes providencias e precauções evitar que os sertanejos que o acompanham, e entram no sertão para o mencionado descobrimento, não estejam independentes da bem regulada subordinação, que deve haver".

Ao que parece, Oyenhausen não devotava grande simpatia a Silva Machado e procurava retardar o seu empreendimento, pois o ministro, pelo aviso de 9 de janeiro de 1821, declarava não convir "retardar-se a importante deligencia da investigação do **Itayó**, e descobrimento da navegação do **Itajahy**; por isso é o mesmo senhor servido que V. Sa. mande principiar a deligencia do **Itayó...** sem dependencia da estrada da Mata. O que participo a V. Excia. para que assim se execute".

Ainda, por aviso de 17 de fevereiro de 1821, declarava Villanova Portugal ao governador de S. Paulo estar el-rei ciente das providências dadas por êle para se começar, na conformidade das reais ordens o trabalho de suas explorações na região considerada.

Infelizmente, não conseguimos o provável relatório apresentado pelo Sargento-mor, Silva Machado, a respeito de suas explorações na região considerada.

A revolução liberal-constitucionalista de Portugal, refletindo-se no Brasil, modificando o ministério e obrigando a D. João VI a regressar a Lisboa, seguida, logo depois, pelo nosso movimento emancipador, veio, naturalmente, amortecer por completo a impulsão que se iniciara para o conhecimento do sertão catarinense, e, com êle, desvendar o segrêdo do famoso monte **Tayó.**

V. — A respeito da famosa montanha, ouçamos a opinião de vários autores: Anota Milliet de Saint-Adolphe em seu "Dicionário geografico, historico e discritivo do Império do Brazil", de 1845: — THAHÓ — monte altissimo da provincia de S. Paulo, que dizem ser aurifero, posto que não tenha sido lavrado por falecer d'agua em suas encostas. Domina este monte sobre o **Tajahy**, cujo curso dele se avista em toda a sua extensão".

Escreve J.G. dos Santos Silva (1867): — Não fará porem mal, que eu aqui transcreva o que sei dessa crença vulgar no **Tayó**: as primeiras noticias que adquiri foi pela tradição: o **Tayó** era e parece que é, como a **ilha incognita**, de que os Capuchinhos em Lisboa passavam certidão aos sebastianistas, isto é, que dous deles, vindos da India e encontraram e visitaram, etc., a qual ninguem mais poude encontrar; o **Tayó** aparece e tem sido visto a 8 ou 10 leguas de distancia e talvez menos, mas por mais que andem para ele, nunca lá chegam, e continua-lhes parecer sempre distante; haverá dous para tres anos — escrevia em 1867 — apareceu em um periodico de Porto-Alegre a publicação de um alemão, que o tinha descoberto, mas guardava segredo do logar; não sei se achou quem lhe comprasse o segredo; o publico ou pelo menos eu nem li nem ouvi mais falar desse descobrimento: este ano apareceu no "Mercantil" desta cidade — Destêrro, hoje Florianópolis — um "Descobriu-se afinal o **Tayó**" e ainda tem a Cruz, que lá tinham os Jezuitas, etc.; essa publicação mereceu que no "Despertador", n.º 469 (1867) fosse transcrita a declaração de 3 de Julho de 1789, acima referida, feita por Arzão..."

Diz o Padre Paiva, em seu "Dicionário", 1868: — "**Tayó** — morro que afirmam conter minas de prata. Tem sido muito procurado e é ainda pouco conhecido. Eleva-se com grande saliencia formando um morro agudo, e mais ao Norte deste um outro com tres sentadas até chegar ao seu cume sobre a corda da Serra Geral, no sitio onde se destaca a ramificação denominada Serra do Marco. Demora entre as nascentes do rio Marombas ao norte e o dos Cachorros ao sul a uma distancia de 7 ½ leguas ao SO. da sede da parochia dos Curitibanos. A existencia do ferro e outros metaes em seu seio ou vizinhança atribue-se a variação da agulha magnetica quando ávidos aventureiros o teem pretendido explorar. Esta fama bem ou mal fundada tem feito a muitos arrostarem trabalho

insano em pesquizas infructiferas, pois que, segundo se acredita, poucos teem tido a dita de pizar neste novo El-Dourado. O pico mais elevado do Tayó está em 27°23'15" de latitude sul e 50°18'57" de longitude oeste pelo meridiano de Greenwich".

O engenheiro militar Alfredo Ernesto Jacques Ouriques assim se manifesta sôbre a montanha em questão: — "Na Serra do Espigão se eleva uma montanha quasi nua de vegetação e apresentando o aspecto, principalmente de certos pontos de vista, de uma grande casa de pedra com a cumieira e coberta perfeitamente acentuadas, á qual dão o nome de **Tayó**".

Diz dêle o saudoso General José Vieira da Rosa: — '. . . famigerada serra, onde dizem existir e, segundo todas as probabilidades existem, ricas jazidas de ouro. Este celebre morro tem fama de encantado, tem orgãos locomotores, como qualquer animal, pois pode mover-se, deslocar-se á vontade e assim esconder-se ás vistas profanas. Alguma fada encantou ali um principe ou uma princeza que cumprirá seu fadario até que o louro metal seja arrancado das entranhas da terra. Dizem os meus credulos compatriotas que o decantado morro tem se escondido sempre que tem sido procurado, e que jamais alguem logrou subil-o sem arriscar a perder a vida".

O professor Padre Pauwel, assim se refere ao **Tayó**: "O lendario morro é completamente isolado, tem a altitude de 1.066 metros e demora entre a serra do Mirador e o Itajahy do norte".

Escreve o engenheiro agrônomo, Dr. Jacinto de Matos: — "No ponto de origem da Serra do Mirador, na Serra Geral, fica situado o monte **Itayó** cujo perfil, em fórma de barraca, em dias claros, é avistado das escadarias do edificio da Prefeitura e Catedral da cidade de Lajes, azulado, muito ao longe, ao norte".

Em 1824, João Antônio Rodrigues de Carvalho, que era presidente da Província de Santa Catarina, elaborou um "Projeto de uma estrada da cidade de Destêrro às Missões do Uruguai e outras providências que devem servir de ensaio ao melhoramento da Província de Santa Catarina" no qual diz o seguinte sôbre o Itajaí. "As margens e ribas do Itajaí, navegável por mais de vinte léguas, estão apenas salpicadas de um ou outro morador, que vive como em um coito ou isento, quando o país é povoado de excelentes matas de construção e marchetaria, que podem fazer um ramo interessante, pelo favor da excelente enseada, que toma o nome do rio; sem falar no ouro de que é fama abunda e de que se sabe por se ocuparem alguns moradores em mariscal-o". (Apud. Rev. Inst. Histórico e Geográfico, vol. 28).

No ano próximo festeja-se o centenário da publicação do livro de Darwin "A origem das espécies", que tantas controvérsias suscitou na época de seu aparecimento e continua, ainda hoje, a provocar constantes debates entre os homens de ciência. O que pouca gente sabe é que Blumenau teve a sua contribuição nas teorias expostas pelo grande sábio inglês, Fritz Mueller, que viveu grande parte de sua vida em Blumenau e aí morreu, era grande amigo e colaborador de Darwin. Auxiliou a êste no estudo de certos pormenores da vida animal, pondo o sábio inglês constantemente ao par das suas descobertas e verificações. Aplicando as teorias de Darwin no estudo dos moluscos e crustáceos do Itajaí e das praias de Destêrro, Fritz Mueller chegou a conclusões idênticas às do cientista inglês. E publicou, a propósito, um trabalho: "Fuer Darwin", que encontrou grande repercussão entre os estudiosos do assunto.

Efemérides Blumenauenses

MARÇO

1881 - dia 5. Rudolfo Weickert abre, em sua propriedade na Estrada Geral, um restaurante a que deu o nome de "Zur Blumige Aue".

Foi nomeado César dos Reis Pereira Cardoso para substituir o Dr. Fritz Mueller no cargo de Inspetor Escolar da Colônia Blumenau.

1881 - dia 16. Cêrca de oito e meia da noite foi observada a queda de um grande meteoro, muito luminoso, que causou geral admiração. O fenômeno teve prolongada duração. (Se fôsse hoje, eram discos voadores)

1882 - dia 18. Por decretos imperiais n.ºs 8454 e 8455 foram definitivamente emancipadas as colônias Itajaí, Príncipe D. Pedro e Blumenau (de Aquidaban para cima).

1882 - dia 21. Acompanhado do chefe de polícia e de cêrca de 40 praças, chega à Vila o vice-presidente da província, Joaquim Augusto do Livramento, por volta das 5,30 da tarde. A 22, S. Excia. seguiu para Warnow.

1882 - dia 23. Com a presença do vice-presidente da província, inaugura-se a ponte sôbre o ribeirão Garcia (atual ponte Desembargador Pedro Silva).

1882 - dia 24. Deixam a vila o vice-presidente da província e o chefe de polícia. Em companhia dessas autoridades e da fôrça policial, seguiram, prêsos, os colonos Thom, Splitter e Schultz, apontados como cabeças do motim de Warnow. Êsse fato causou gerais protestos, pois os colonos nada mais haviam feito do que pleitear os seus e os ordenados dos seus companheiros de turma da Comissão Antunes, que media terras. Os colonos foram recolhidos à cadeia de Itajaí.

Clara Breithaupt foi nomeada, provisòriamente, professôra da escola feminina de Gaspar.

1883 - dia 13. Chega a Blumenau o Dr. Francisco Martins Fontes, nomeado juiz municipal.

1883 - dia 27. A primeira sessão de Júri na vila, fôra marcada para êste dia, mas como não tivesse comparecido número legal de jurados, foi transferida para o dia 30 de março. No dia 30 entrou em julgamento José Maria Chacão, acusado de ferimentos graves. O réu foi defendido por Gregório Joaquim Coelho e foi absolvido por unanimidade.

1884 - dia 19. O "Immigrant" noticia que, segundo tôdas as probabilidades, a projetada estrada de ferro D. Pedro I atravessaria Blumenau em direção ao Barracão, Brusque etc. Diz que o escritório central fôra transferido de Parati para Blumenau, onde já se encontravam os engenheiros J. Hopkins e W. M. Schmidt, com dois ajudantes e que, se tal se realizasse, também Blumenau seria dotada de linha telegráfica que acompanharia o leito da estrada. A construção da linha seria confiada ao engenheiro Odebrecht.

Páginas do meu velho arquivo

Uma entrevista com Curt Hering

Nemésio HEUSI

Foi por volta do ano de 1942, em plena guerra, convém lembrar, que indo a Santa Catarina em missão jornalística, como antigo Diretor da Agência Press-Pargas, entrevistei, entre muitas personalidades, a figura saudosa de Curt Hering.

Nunca cheguei a publicar as entrevistas porque ao regressar ao Rio, desliguei-me daquela agência noticiosa, arquivando as mesmas.

Agora, Ferreira da Silva, êste incansável historiador das coisas do Vale do Itajaí, especialmente, me pediu para escrever algo para "Blumenau em Cadernos".

Revolvendo as páginas de meu velho arquivo, lá encontrei a entrevista com Curt Hering, notável, precisa, e porque não dizer, profética, tais foram as suas palavras e os seus argumentos ditados em plena guerra; se não vejamos:

— Senhor Curt Hering, como jornalista, vim ao meu Estado colhêr suas impressões sôbre a guerra que atravessamos e qual o destino do Nazi-Fascismo?

A resposta não se fêz esperar, sóbria, serena, e com tôda a beleza histórica:

— Senhor Heusi, a crise que o mundo atravessa agravada por esta guerra a que assistimos, provém de fatos históricos. De um lado o poder da fôrça, de outro o poder da liberdade. Sabe o senhor como homem estudioso (aqui interrompi meu entrevistado para dizer apenas) : — estudioso não, curioso. Sem perder a serenidade continuou Curt Hering: (todo curioso é um estudioso). Mas, voltando, Senhor Heusi, ao nosso tema— Os Gregos praticaram pela primeira vez na história, a democracia, dois mil e quinhentos anos antes que Jefferson a tivesse idealizado. Solon depois Sócrates foram os verdadeiros apóstolos do Govêrno do Povo para o Povo, de Justiça, de Direito, de Liberdade e finalmente a Democracia na sua pura essência. Das patifarias de Alcebíades, traindo Atenas para incitar Esparta, resultou que ela fôsse destruída, arrazada. Aconteceu porém, que o ideal democrático não morreu, atravessou séculos para esbarrar na prepotência dos Césares e Augustos Romanos. Destruiu-os caminhando sempre, como uma tocha viva para incendiar, séculos depois o fausto dos Luízes de França. A Revolução Francesa de 1789 nada mais foi senão o grito de liberdade, a volta triunfal das idéias democráticas. Danton, Marat e Robespierre embriagaram-se com o poder. Suas mortes geraram um govêrno

anárquico, possibilitando o trágico esplendor de Napoleão que, depois de dominar grande parte do mundo acabou como todo déspota em Santa Helena. Mais uma vez o ideal da liberdade venceu o poder da fôrça. Já em nossos dias a marcha do Kaiser através da Bélgica em 1914, ateou fogo a Europa efervescente, e o que assistimos? — foi a guerra desumana do mesmo poder ditatorial da fôrça, contra as raízes profundas daquela democracia que alicerçadas pelos Gregos, na Razão, na Justiça e na Liberdade mais uma vez venceu as ditaduras histéricas.

Como vimos — Senhor Heusi — as ditaduras, o poder que se assenta no direito da fôrça e não na fôrça do direito, perecerão. Hitler e Mussolini não serão uma exceção à regra — e dando por encerrada a primeira parte da nossa entrevista concluíu - "estamos ainda em plena guerra, e eu lhe asseguro — está perto muito perto, o fim do Nazismo e do Fascismo. Enganam-se os que subestimam o poder do povo, esta fôrça poderosa que gira os destinos da humanidade, reagindo tôdas as vêzes que sentir fugir a liberdade, essa conquista que os séculos nos legaram como fundamento sublime do ideal Democrático!

De fato! Um ano e pouco depois terminava a guerra com a derrota do Nazi-Fascismo e algum tempinho mais, lá se foi também a nossa ditadura! Hoje me arrependo de não ter publicado na época esta profética entrevista que é bem a mais admirável confissão de fé democrática de um homem que nasceu e viveu para engrandecer sua terra — Blumenau — dando ao Brasil o mais extraordinário exemplo de trabalho, criando com seu tirocínio uma organização fabril que muito honra a Indústria Nacional.

Do livro do registro de informações de terras da Vila de Pôrto Belo, consta que em 1838, um certo Carlos Monseor (sic) requereu 400 braças de terras no rio Itajaí, no lugar denominado Salto, lado do Sul. Parece que êsse mesmo requerente, já agora com o nome grafado Carlos Monseaux (de nação francesa) morador na freguesia do SS. Sacramento de Itajaí, requereu 300 braças de frente e 500 de fundos, "nos fundos das que possue na Colonia do Rio Grande do Itajai."

* * *

A estrada que seguia desde São Francisco do Sul até a ilha de Santa Catarina, acompanhando sempre a orla marítima, foi mandada abrir pela carta régia do Ouvidor de Paranaguá, Manoel dos Santos Lobato, datada de 1736. Atravessava o Itajaí-açu na altura dos Navegantes. Mas, como a travessia do rio nem sempre era fácil, principalmente quando o viajante transportava muita bagagem, preferia-se vir pela estrada até Itapocoroí e, dali, fazer o resto da viagem de barco. Êsse foi o itinerário que Saint'Hilaire seguiu em 1820 quando visitou Santa Catarina.

* * *

A enseada formada pelo rio Itajaí ao desembocar no oceano, era conhecida, nos primeiros anos da descoberta do Brasil por "Bahia das seis ilhas" (Gabriel Soares", "Roteiro do Brasil)

O VISCONDE DE SINIMBU

No artigo de autoria de Cristina Blumenau, que vai publicado neste caderno, faz-se referência a êsse estadista do Império. O seu nome está ligado à história da colonização do Vale do Itajaí pelo apoio que deu à execução dos planos do Dr. Blumenau. Sinimbu foi um estadista de raros méritos, homem de convicções morais e políticas bem formadas, caráter forte, um varão exemplar.

João Vieira Lins Cansação de Sinimbu era natural de São Miguel dos Campos, Alagoas, onde nasceu a 20 de novembro de 1810. Bacharel pela Universidade de Olinda, seguiu, depois, para a Europa, colando grau na Universidade de Iena.

Depois de seu retôrno ao Brasil, foi eleito deputado provincial e vice-presidente de seu Estado. Nomeado ministro do Brasil no Uruguai, teve atuação saliente na guerra contra Rosas. Foi presidente da sua província natal e de várias outras. Em 1857, foi eleito senador do Império pela sua província. Fêz parte também de vários ministérios, tendo sempre dado provas de grande capacidade, de grande patriotismo e honestidade.

Protegeu sempre o Dr. Blumenau, amparando-lhe os planos e atendendo as suas reclamações porque via nêle um homem digno, capaz. Ao apoio e amparo de Sinimbu deve o Dr. Blumenau boa parte do seu sucesso na administração da colônia.

Em um livro sôbre o ilustre estadista, disse dêle o Sr. Craveiro Costa: "Era, realmente, uma figura impressionante pela invulgaridade da fisionomia como que esculpida em mármore. A sua presença infundia respeito e diante da sua energia dobravam-se as hostilidades mais encarniçadas e desfaziam-se até premeditações criminosas a que algumas vêzes estêve exposta a sua pessoa". E mais adiante: "Uma bronquite aguda prostrou-lhe o organismo e matou-o a 21 de dezembro de 1906, na sua bucólica vivenda do Silvestre, cercado do carinho de suas filhas e da dedicação de velhos amigos. Vivera 96 anos. A república prestou ao grande estadista do Império as homenagens a que tinha direito pelos seus serviços à Nação".

O primeiro bispo católico que visitou Blumenau foi Dom José de Camargo Barros, a 31 de agôsto de 1895. Foi um acontecimento de grande monta, tendo os festejos tido o concurso de duas bandas de música. Grande iluminação, de magnífico efeito, constava de 6.000 lanternas de papel colorido e várias inscrições latinas, coloridas.

Segundo o orçamento da província, de 1856, os professôres de primeiras letras, inclusive Fernando Ostermann, de Blumenau, percebiam de gratificação anual a soma de 350$000.